

# ILUSTRAÇÃO



1.º ANO — Número 15

Lisboa, 1 de Agosto de 1926

PREÇO 4,500

A revista portuguesa de maior tiragem e expansão

COMPOZIÇÃO E IMPRESSÃO

TIP. DA EMPRESA  
DO ANUÁRIO COMERCIAL

P. dos Restauradores, 24—Lisboa

# ILUSTRAÇÃO

Propriedade e Edição:

AILLAUD, L.<sup>DA</sup>  
R. Anchieta, 25 — Lisboa

DIRECTOR: JOÃO DA CUNHA DE EÇA

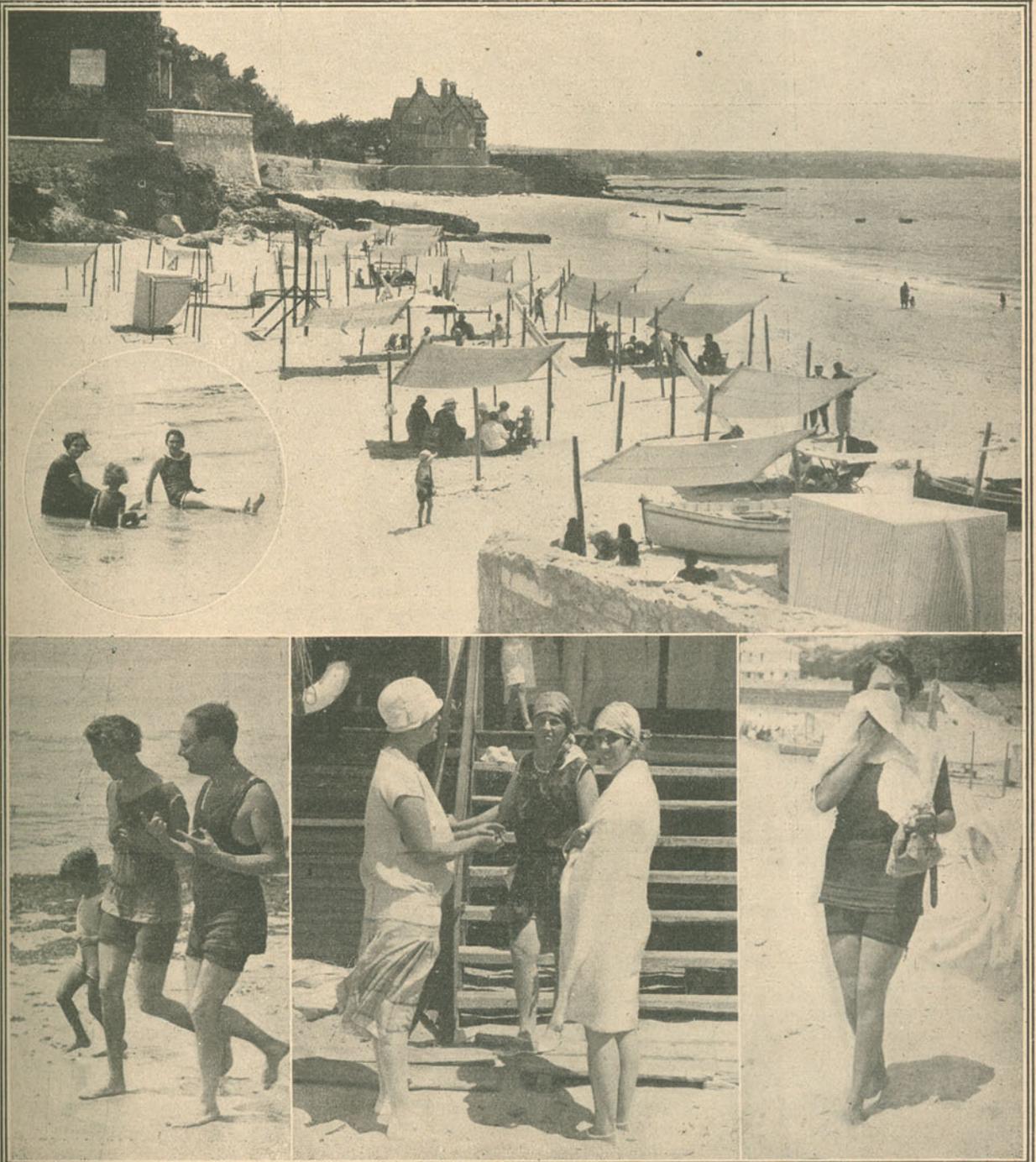
PUBLICAÇÃO QUINZENAL

1 DE AGOSTO DE 1926

ANO 1.º — NÚMERO 15

## A GUERRA AO CALOR, NA NOSSA CÔTE D'AZUR

O ACAMPAMENTO BALNEAR NA PRAIA DE CASCAIS



TRÊS ASPECTOS DOS ESTORIOS

As encontro das salex ondas

Um grupo de formosuras... de marca estrangeira

Fugindo à objectiva, num excesso de pudor



# O FREGOLI DAS CIDADES

## LISBOA NO ANO 2.000

**M**AGRO, duma magreza que lhe dava elasticidade aos menores gestos; o rosto escaveirado, dum moreno lustroso de índio; olhos enormes rebolando, como rólhas de bilhas, dentro das órbitas profundas; os dentes falsos, parecendo de louça, mastigando um charuto que nunca vi acender — fato escandalosamente claro; panamá flexível — assim conheci aquele ex-prefeito da capital da República X.

Espanhol e pele-vermelha, sem côr, o prefeito tinha um vício, uma paixão: o fregolismo das cidades. Durante trinta anos de vida política gastara o melhor dos seus nervos, da sua imaginação e do rendimento da sua fortuna inverosímil, desenhando cidades, recortando cidades, colando cidades — como as crianças recortam e colam sobre o cartão as capitais-brinquedos de Épinal.

E quando já não lhe restava, no seu país, população para novas cidades, nem inovação para introduzir nas já construídas — o prefeito, faquir das ruas e dos jardins, prestidigitador de Avenidas e de palácios, veio até à Europa. E atravessando o velho continente, lá foi de capital em capital, sonhando com as transforma-

ções, os recortes, os monumentos, as fantasias que imporia se fôsses suas — as cidades da Europa. Esteve em Paris, esteve em Berlim, esteve em Viena — e de Viena, de Berlim e de Paris trouxe planos, projectos, e estudos — trabalhos inúteis, cuja concepção o deliciou como delícia aos velhos sultões de harém despovoado a evocação das odaliscas que os seus lábios beijaram.

E veio a Lisboa. E Lisboa, que não estava dentro do seu programa de fantasia, atraiu-o; amou-o; fixou-o durante algumas semanas:

Conheci-o num acaso de reportagem. Vi-o folhear os *dossiers* compostos sobre as outras cidades. Senti pena por Lisboa. Pedi-lhe que derramasse um pouco do sonho de Fregoli de cidades sobre esta capital. E êle cedeu. E eis o que disse...

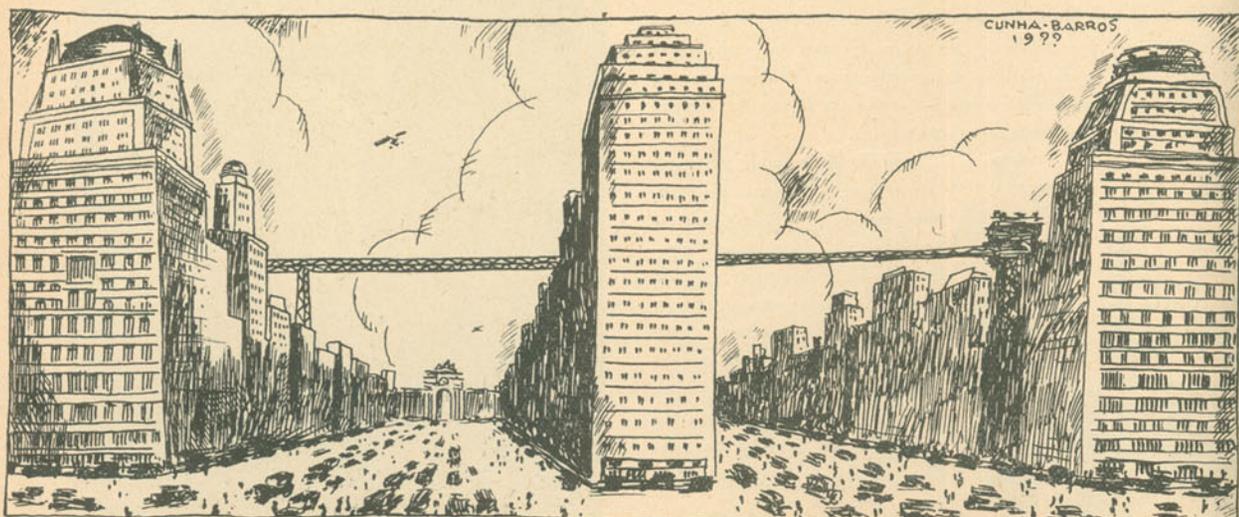
Fomos para o Jardim de S. Pedro de Alcântara, como para um camarote aéreo que se abrisse sobre a pista imensa da capital.

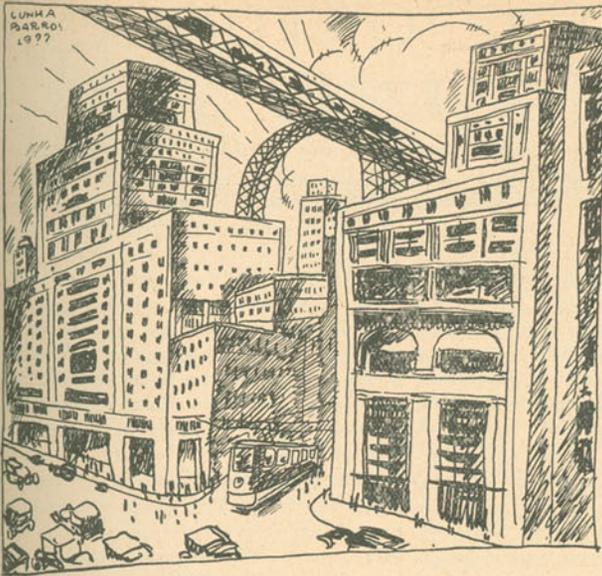
E mascarando o charuto com a dentuça de louça, começou a improvisar as reformas de Lisboa.

— O principal cenário das cidades, as suas *bombolines*, são os seus prédios. Uma cidade não pode apenas possuir palácios monumentais, embora isso seja indispensável, a certos bairros, como as apoteoses berrantes são necessárias a todos os fins de acto.

«As cidades vivem também da sua casaria modesta — desde que seja elegante e tenha carácter. Lisboa tem poucos palácios. As Avenidas que existem estão mal vestidas de prédios imponentes. A Avenida da Liberdade é pobríssima. Parece uma marquesa de corpo divinal vestida de chita. Mas, em suma: o que mais choca em Lisboa — é a segunda categoria das suas casas... O estilo pombalino, as suas janelas quadriculadas, janelas de guilhotina, de escadaria suja e estreita — são impróprias da *city*. A casaria pombalina, nascida dum terremoto — vive sempre a evocar *terremotos*. Tem carácter — mas não tem nem beleza nem variedade. É feia e é monótona. Se me fôsse dada a farinha do poder para a transformação de Lisboa — o primeiro que faria seria o arranjo da Baixa — a começar pela sua casaria. Vestia de novo os prédios — como os dentistas chumbam a oiro os dentes ameaçados.

«E logo a seguir, sem hesitação, deitaria fogo aos tais bairros que os lisboetas amam e que são o foco permanente de todos os males deste país: males de corpo; males de espirito.





Refiro-me à Mouraria, a Alfama, ao Bairro Alto.

«Uma população que gosta desses bairros — está condenada a não gastar da água, nem da luz, nem da beleza, nem do triunfo. É uma população triste, neurastênica, suja e sem ambições. Esses bairros são feridas purulentas, segregando veneno que se alastra e contagia toda a cidade. E, para fazer a vontade aos que amam morbidamente esses bairros, deixaria de pé um pedaço dum deles — algumas congostas, das mais características — e fechá-los-ia, cercando-as com uma muralha elegante, com porteiro fardado à porta. E ninguém o habitaria. Seria para *visitar*, como uma velharia de bric-à-brac como *vitrine* de museu. A aplicação que daria ao espaço conquistado — direi mais tarde.

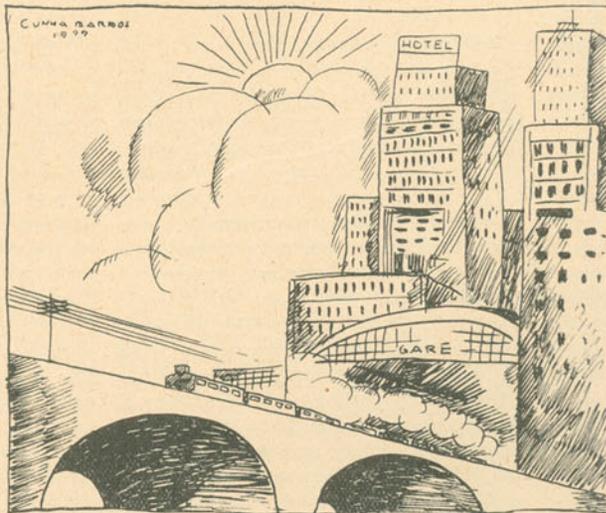
«Depois ia a *City*, quero dizer, a Baixa, e faria dela um *centro* de cidade moderna.

«A Baixa lisboeta sofre de dois defeitos essenciais: a estreiteza das ruas e a estreiteza dos passeios. Todos os outros defeitos, provém destes dois.

«Principiava por alargar as ruas; e alargando as ruas, alargava os passeios — e via-me livre de fileiras intensas de lúgubres casas pombalinas. A Rua do Oiro ficava entre a face ocidental, que possui hoje e a face oriental da Rua Arco de Bandeira. O resto — cairia sob um dilúvio de picaretos. E assim, a Rua do Oiro — era um *boulevard* amplo e europeu. A Rua Augusta incharia até à Rua da Prata. Segundo *boulevard*. E deitando abaixo a casaria da Rua dos Douradores — a Rua dos Fanqueiros, sem a grandeza das outras duas, seria também uma artéria decente.

ris, Berlim, estão cheias de terraços, de inverno e de verão.

«Agora subamos. Os prédios do Rossio ocidental seriam engulidos por um mágico alçapão. As fachadas dos prédios da actual Rua 1.ª de Dezembro seriam maquilhadas e vestidas. E a Rua Nova do Carmo desembocaria directamente na Praça: frente à Praça dos Restauradores. Do fim do Chiado ver-se-ia a Avenida da



Liberdade, com a sua perspectiva desafogada e deslumbrante de luz.

«Que lhe parece? Bem? Pois diga. Rua de S. Domingos, final da Rua dos Fanqueiros, iriam para as profundas do Inferno. Uma outra praça se fazia, para substituir a praça original e artística de onde nascia a Rua Nova da Palma. Escusado será dizer-lhe que a Rua Arco Marquês de Alegrete e todas as ruelas afuniladas que se estrangulam na Mouraria ofereciam espaço para alargar e regular a Rua da Palma —

«Ótimo. Já temos assim o *hall* e para se abrir um novo bairro, estendido pela Rua da Mouraria, Capelão, etc.

«Agora subamos ao Chiado. O Bairro Alto seria perfurado no centro por uma Avenida que desembocasse neste Jardim de S. Pedro de Alcântara. Dessa avenida irradiariam novas ruas, largas e vistosas.

«E feito todo este trabalho — vamos ao melhor, ao que daria a Lisboa um aspecto inédito juliovernense — o bastante para atrair as multidões de turistas. Lisboa tem sete colinas — e só uma delas é que é bem servida: a do Carmo. O Elevador de Santa Justa é uma *trouvaillerie*, o apontamento dum plano genial que não foi posto em prática. Frente ao elevador de Santa Justa, na Rua dos Fanqueiros, onde está agora um hotel, seria erguida uma nova *Torre* para um novo elevador, cuja ponte fôsse ter ao Castelo. E, assim, os habitantes dessa colina iriam da *City* aos seus bairros em alguns minutos apenas.

«Mas não podíamos ficar por aqui. O Elevador da Glória é feio; é aleijado; é coxo. Do prédio da esquina para a Praça dos Restauradores levantar-se-ia uma terceira *Torre*, um terceiro ascensor, que nos guindaria em segunda a este jardim. E para ser completo, construía-se uma quarta *Torre* no Cais do Sodré. A ponte passaria por cima do Largo de Camões (onde havia ascensor, para descer os que se destinassem ao Chiado) e iria unir-se com a estação do ascensor do Jardim de S. Pedro de Alcântara.

«E para terminar o primeiro acto desta mágica fregolisante, teríamos de resolver o problema máximo desta Lisboa antiquada: a descongestão da Baixa. Este hábito de se viver no centro da cidade, não aproveita à Baixa e torna triste os outros bairros. E era fácil! Quere um exemplo? Porque não se fez uma grande estação de Caminho de Ferro em Entre-Campos? Calcule você a vida que se notaria nessas avenidas hoje lúgubres — se os grandes rápidos e o *sud-express* tivesse ali uma paragem, frente a uma estação monumental. Viriam logo hotéis «palaces»; *restaurants*, teatros... — o nascimento duma nova *City* — mais elegante, mais vistosa do que a outra...»

A tarde caíra. As últimas gótas de luz do sol, escorrendo pelo rosto moreno do *fregoli* das cidades, avermelhava-o... e dava-lhe tons mefistofélicos...

REINALDO FERREIRA.